

# Sob o signo de Unamuno

Isabel Ponce de Leão

A Arnaldo de Pinho

Hoje apeteceu-me Unamuno (Bilbau, 1864 – Salamanca, 1936). Folhee algumas das obras que habitam o meu escritório – umas em português, outras em castelhano, línguas irmãs que apelam à fraternidade. A palavra *fraternidade* incomodou-me. Qualquer força escondida tenta esvaziá-la, torná-la vã, talvez porque haja a tentação, nos tempos atuais, de a tornar absurda e equívoca.

Mas é fraternidade que encontro na paixão de Unamuno pelos problemas do seu tempo, no seu envolvimento nos movimentos políticos da época, na sua liberdade crítica em defesa dos valores que tinha como certos mas não eternos. Defensor da república, criticou a monarquia escrevendo um artigo injurioso a Afonso XIII. Desiludido com aquela, entusiasma-se com os oficiais rebeldes comandados por Francisco Franco com quem acaba por se desiludir gritando-lhes: “Vencereis, mas não convencereis.” Em nome dessa mesma fraternidade, quando o general Millán-Astray proclamou: “Abaixo a inteligência e viva a morte”, corajosamente respondeu: “Viva a vida”, seguindo a máxima que escreveu em *Vida de D. Quixote e Sancho Pança*: “Tenta viver em contínua vertigem apaixonada; só os apaixonados levam a cabo obras verdadeiramente duradouras e fecundas.”

Assim o fez este vulto maior da Geração de 98 espanhola, e pensei na sua admiração pela Geração de 70 portuguesa por esta apelar à reflexão individual

e ao espírito crítico tentando reformular todo um passado arcaico. Magiquei na preocupação que sempre manifestou por este Portugal rural, tristonho e débil, muito distante de uma Europa ilustrada, mas que ao mesmo tempo o fascinava. Refleti na sua atração pelo mito sebástico a que Oliveira Martins conferiu o estatuto de mito cultural. Evoquei as suas relações com Pascoaes que lhe explicaram um regresso ao paraíso chamado saudade. A palavra *fraternidade* mantém-se.

Olho para a antologia *Portugal Povo Suicida*, onde Rui Caeiro avisadamente colige e traduz textos sobre a cultura portuguesa escritos por M. de Unamuno. Nela encontro uma entrevista que deu a Pedro Luis de Galvez em 1909 – há mais de cem anos. O assunto é Portugal.

A dado passo leio: “Portugal é um povo triste, e é-o até quando sorri. [...] Portugal é um povo de suicidas, talvez um povo suicida. A vida não tem para ele sentido transcendente. Desejam talvez viver, sim, mas para quê...”. Volto a observar a data – há mais de cem anos! Hoje olho à minha volta e vejo esse povo triste, esse povo de suicidas acabrunhado por interesses instalados, esse povo que esqueceu o “navio-nação” – usando uma expressão de Eduardo Lourenço –, e vejo que não se trata de profecias, antes a história se repete.

E Unamuno continua: “A revolução é iminente em Portugal. O que é preciso é que com a revolução não venha o suicídio colectivo.” Aqui me detenho. O pensamento leva-me à situação caótica do Portugal de hoje submerso no jogo atávico e em absurdas tiranias de que não se consegue emancipar.

Mas não, não haverá suicídio, Portugal é um país crente e a sua fé resgatá-lo-á em momentos de crise. Antoine Wiertz não arranjará tema para os seus quadros. Só que a religiosidade portuguesa, tal como dizia Unamuno, “é preciso ir buscá-la por baixo das formas regulares e canónicas da religião oficial”. É-o, de facto. É preciso estancar o culto elegíaco e melancólico da morte; é preciso negar que a incógnita do além se conote com banalidades e torturas; é preciso acabar com a visão do eterno Purgatório povoado de almas.

É preciso, por tentativas mas com perseverança, resgatar a Fé que já foi nossa; uma Fé que se questione e procure respostas, pois “uma fé que não duvida, é uma fé morta” (Unamuno). De facto, “[p]or mais terríveis que sejam as ortodoxias religiosas, as ortodoxias científicas são muito mais terríveis” (Unamuno). É preciso sacrifício, é preciso abnegação, é preciso trabalho, porque “o horror ao trabalho dá-nos trabalhos sem conta” (Unamuno).

Talvez possamos trilhar com Unamuno os íngremes mas redentores caminhos da Fé meditando no que escreveu em *Del Sentimiento Tragico de la Vida* (1912): “Mientras peregriné por los campos de la razón a busca de Dios, no pude encontrarle porque la idea de Dios no me engañaba, ni pude tomar por Dios a una idea, y fue entonces, cuando erraba por los páramos

del racionalismo, cuando me dije que no debemos buscar más consuelo que la verdad, llamando así a la razón, sin que por eso me consolara. Pero al ir hundiéndome en el escepticismo racional de una parte y en la desesperación sentimental de otra, se me encendió el hambre de Dios, y el ahogo de espíritu me hizo sentir, con su falta, su realidad. Y quise que haya Dios, que exista Dios. Y Dios no existe, sino que más bien sobre-existe, y está sustentando nuestra existencia existiéndonos."

Porquê Miguel de Unamuno? Lembrei-me dele pensando no Professor Arnaldo de Pinho. Ambos questionaram e se questionaram. Ambos partilharam saberes. Ambos tiveram mais dúvidas que certezas. Ambos pugnaram por valores em que criam. Ambos creem que Deus "está sustentando nuestra existência existiéndonos". Ambos pertencem, afinal àquela aristocrática *Confraria do Talento* que demanda a perfeição possível. Pouco importa se pensaram diferente, importa outrossim o ponto de chegada e os notáveis aportes à salvação da humanidade pelos trilhos da fraternidade.

Dois amigos que guardo para mim porque "[c]ada novo amigo que ganhamos no decorrer da vida aperfeiçoa-nos e enriquece-nos, não tanto pelo que nos dá, mas pelo que nos revela de nós mesmos" (Unamuno).

Bem-haja.